

Mergulhos no humano: perfis da vida real¹

Fagner Farias de MACÊDO²

Maria do Socorro Furtado VELOSO³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

Para registrar o cotidiano, o ambiente, a história de vida de pessoas famosas ou anônimas, o jornalismo produz perfis. Essa modalidade de reportagem, que apresenta em sua linguagem traços da literatura, caracteriza o chamado jornalismo literário. Nesse sentido, para a realização deste trabalho, procurou-se personagens com histórias jamais contadas anteriormente. O livro-reportagem *Mergulhos no humano: perfis da vida real* conta a história de vida de onze personagens com relatos colhidos em quatro cidades do Rio Grande do Norte, tomando como princípio básico a observação com um olhar apurado. Por meio dos detalhes, o texto ganha essência e corpo ao retratar a realidade de cada perfilado.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; literatura; livro-reportagem; perfil.

1 INTRODUÇÃO

O livro-reportagem *Mergulhos no humano: perfis da vida real* toma como base as técnicas do chamado *jornalismo literário*, onde é possível descrever em perfis jornalísticos a vida de um ser humano ou um lugar. Descrevendo os detalhes dos onze personagens, aquilo que foi visualizado, ouvido e sentido, procurou-se mostrar a realidade, o contexto social no qual estão inseridos.

2 OBJETIVO

Produzido como Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo, o livro-reportagem *Mergulhos no humano: perfis da vida real* apoia-se no *jornalismo literário*, estilo no qual é possível descrever através de perfis, a vida de pessoas. O objetivo deste trabalho é, portanto, revelar a história de vida de anônimos de quatro cidades do Rio Grande do Norte, fundamentado no conceito defendido pela jornalista Eliane Brum⁴ no livro *A vida que ninguém vê* (2006), de que as pessoas ditas comuns possuem vidas mais interessantes do que a do mais celebrado herói. Dessa forma, as entrevistas foram concretizadas com onze

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Jornalismo, modalidade Livro-reportagem.

² Aluno recém-graduado do Curso de Jornalismo da UFRN, email: fagner_farias@yahoo.com.br

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFRN, email: socorroveloso@uol.com.br

⁴ Eliane Brum é repórter especial da revista *Época* e autora dos livros *A vida que ninguém vê* (Arquipélago Editorial, 2006) e *O olho da rua* (Globo, 2008), que reúnem perfis e grandes reportagens escritas pela jornalista.

personagens, dentre os quais estão uma parteira aposentada, um artista plástico, um vendedor de doces, um ex-jogador de futebol, uma vendedora de frutas, um seminarista, um pescador, um deficiente visual, um médico residente, um vaqueiro e uma mãe.

Partindo de um princípio básico, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2000, p. 527) apresenta perfil como a “descrição de alguém em traços rápidos”. Jornalisticamente, trata-se de um texto cuja finalidade é registrar o cotidiano, o ambiente e a história de vida de pessoas famosas ou anônimas. Tem um caráter revelador, com missão defendida por Lima (2009, p. 428), de “lançar luzes sobre alguém, compreendê-lo sob diferentes matizes de cores”. Alguns autores apresentam outras definições para perfil. Steve Weinberg (*apud* VILAS BOAS, 2003, p. 16), por exemplo, o chama de “biografia de curta duração”. Oswaldo Coimbra (*apud* VILAS BOAS, 2003, p. 16), de “reportagem narrativo-descritiva de pessoa”. Já Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (*apud* VILAS BOAS, 2003, p. 16), o reconhecem como “o texto que enfoca o protagonista de uma história (a de sua própria história)”. Mas, segundo o próprio Sérgio Vilas Boas (2003, p. 16), “há uma expressão mais abrangente e aberta, nascida no contexto das pesquisas qualitativas em Ciências Sociais: Histórias de vida”⁵.

O perfil é uma modalidade de reportagem que apresenta em sua linguagem traços da literatura, compondo o chamado *jornalismo literário*. Para Vilas Boas (2003, p. 13), difere das biografias em livro porque “podem focalizar apenas alguns momentos da vida da pessoa. É uma narrativa curta tanto na extensão quanto no tempo de validade de algumas informações e interpretações do repórter”. Partindo da comprovação de que as experiências pessoais do repórter se entrelaçam com a temática que está abordando, o autor supracitado diz que o perfil “é de natureza autoral” (VILAS BOAS, 2003, p. 13).

Documentado em livro-reportagem, o perfil ganha a possibilidade de alçar livre voo, ou seja, esmiuçar um assunto que nos demais veículos tem espaço restrito. Os textos apresentados no livro-reportagem *Mergulhos no humano: perfis da vida real* assumem a forma de perfis humanizados, pois, como acentua Cremilda Medina,

ao contrário da espetacularização, a entrevista com finalidade de traçar um perfil humano não provoca gratuitamente, apenas para acentuar o grotesco, para “condenar” a pessoa (que estaria pré-condenada) ou para glamorizá-la sensacionalisticamente. Esta é uma entrevista aberta que

⁵ Segundo Vilas Boas (2003, p. 17), “na sua versão mais abreviada, a história de vida examina episódios específicos da trajetória do protagonista”.

mergulha no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida (MEDINA, 2008, p. 18).

3 JUSTIFICATIVA

Para a produção do projeto *Mergulhos no humano*, dentre as 13 classificações de livro-reportagem, a escolha pelo livro-reportagem-perfil foi feita levando em consideração o objetivo proposto por Lima (2009, p. 51), o qual é “evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que por algum motivo, torna-se de interesse”. A opção por personagens anônimos para compor este projeto é diferenciada, por representar em “suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão⁶”. (LIMA, 2009, p. 51-52). Quanto à opção pelo uso da linguagem literária no jornalismo, parte do princípio de que ela enriquece o conteúdo, produzindo um efeito de realidade à narrativa, como observa Lima (*apud* FARO, 2007, p.169):

fruto da inquietude do jornalista que tem algo a dizer, com profundidade, e não encontra espaço para fazê-lo no seu âmbito regular de trabalho, na imprensa cotidiana. Ou é fruto disso e (ou) de uma outra inquietude: a de procurar realizar um trabalho que lhe permita utilizar todo o seu potencial de construtor de narrativas da realidade. O jornalismo oferece ao profissional de talento e fôlego para o aprofundamento inúmeras possibilidades de tratamento sensível e inteligente do texto, enriquecendo-o com recursos provenientes não só do jornalismo mas também da literatura e até do cinema.

Felipe Pena vai além, quando aborda o uso da linguagem literária no jornalismo. Segundo ele,

não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (PENA, 2008, p. 13).

⁶ O grupo de personagens em questão no projeto experimental *Mergulhos no humano: perfis da vida real* corresponde a pessoas comuns que nunca tiveram suas histórias de vida relatadas em nenhum veículo de comunicação.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para a escrita dos perfis de *Mergulhos no humano* foram utilizadas técnicas literárias que tornaram os relatos mais circunstanciados. De acordo com Tom Wolfe (*apud* FARO, 2007, p. 170), “o ato de escrever assemelha-se a uma ‘torrente de ideias’ que consegue captar ‘todos os sons, todos os aspectos e todo o clima’, seja qual for o ambiente”.

O método biográfico foi utilizado por tratar-se de perfis-biografias de curta duração, narrativas curtas, descrições minuciosas de detalhes e aspectos físicos dos entrevistados. O *corpus*⁷ recolhido para a pesquisa foi o próprio relato de vida dos personagens. Tendo a cidade como laboratório social, para contar a história de vida⁸ dessas pessoas, foi escolhida a forma de livro-reportagem, a fim de elevá-las à categoria de literatura de não ficção.

Sair à procura dos personagens foi um ritual à parte. Incertezas e medo do que encontraria e/ou da reação que despertaria foram parceiros constantes nessa caminhada. Eliane Brum compartilha da mesma experiência diante da missão de enxergar a vida real:

Olhar dá medo porque é risco. Se estivermos realmente decididos a enxergar não sabemos o que vamos ver. Quando saio da redação, tenho uma ideia de para onde devo olhar e o que pretendo buscar, mas é uma ideia aberta, suficiente apenas para partir (BRUM, 2006, p. 192).

Tomando como base a linguagem literária, as reportagens descrevem os perfis de onze pessoas enfocando desejos, desafios e conquistas. Seguindo pautas diferenciadas, foram realizadas entrevistas em profundidade, gravadas em áudio. Como explica o jornalista Eduardo Belo,

a pauta no livro, pelas características do veículo, tornou-se bem distinta do modelo que se pratica hoje na maioria dos jornais. Ela precisa de mais detalhamento, de modo a permitir uma antevisão do que será o produto final. Precisa prever os caminhos que a apuração tem de seguir e antecipar, pelo menos em parte, o resultado final. Como representa o começo do planejamento, a pauta tende a influenciar decisivamente o andamento da reportagem (BELO, 2006, p. 75).

⁷ Dados, informações sobre os personagens.

⁸ De acordo com Lima (2009, p. 428), história de vida “é um termo genérico aplicado a diferentes formatos de texto”. Ainda segundo o autor (2009, p. 114), “esse recurso de captação também é utilizado pelo livro-reportagem, aparecendo em forma clássica de entrevista ou como depoimento direto, ou ainda numa mescla em que se combinam essas modalidades de apresentação com narrativa em primeira ou terceira pessoa”. Nos perfis apresentados no projeto experimental, optou-se pela narrativa em primeira pessoa.

Nessas entrevistas, foram utilizadas as técnicas do jornalismo literário como o diálogo, a descrição cena a cena, o ponto de vista ou foco narrativo e a descrição de detalhes ou *status* de vida. Através do diálogo, foi possível quebrar as barreiras do medo, da insegurança e conhecer o cotidiano dos personagens. Na descrição cena a cena, foi possível mostrar aquilo que eles deixaram ver, e o que estava implícito, sendo possível contar os fatos em ordem cronológica. Com o uso do ponto de vista, foi assumida uma posição, onde o foco narrativo foi fixado no que realmente era importante. Através da descrição dos detalhes dos personagens, foi mostrada a realidade, o contexto histórico-social no qual cada um está inserido. De acordo com Medina (2008, p. 7):

desenvolver a técnica da entrevista nas suas virtudes dialógicas não significa uma atitude idealista. No cotidiano do homem contemporâneo há espaço para o diálogo possível. Estão aí experiências ou exceções à regra que provocam o grau de concretização da entrevista na comunicação coletiva.

Para Martin Buber (*apud* MEDINA, 2008, p. 13), na entrevista, “a única possibilidade de autenticidade, verdade, entre os dois interlocutores é a entrega do EU ao TU, um TU-PESSOA e não um TU-ISTO”. Conforme Edgar Morin,

antes de tudo, ela dá a palavra ao homem interrogado, no lugar de fechá-lo em questões preestabelecidas. É a implicação democrática da não diretividade; em seguida, ela pode ajudar a viver, provocando um desbloqueio, uma liberação; enfim, ela pode contribuir para uma autoelucidação, uma tomada de consciência do indivíduo (MORIN, *apud* MEDINA, 2008, p. 13).

Durante as entrevistas, foi observado o comportamento dos personagens, as reações às lembranças do passado e, em alguns casos, planos para o futuro, assim como o fato em comum de todos citarem a fé em Deus como princípio para alcançar seus objetivos. Cada um, a seu modo, buscou a felicidade e a cidadania. A idade dos perfilados varia de 23 a 77 anos. Apreciando os relatos, chega-se à conclusão de que a idade não é pré-requisito para uma vida ser extraordinária. Basta que essa vida tenha sido vivida em intensidade.

Diante da seleção dos personagens – alguns deles conhecidos do autor – seus relatos e comportamentos causaram surpresa. Ao término de cada encontro, o eu (repórter) e ele/ela (personagem) saíamos transformados. Fato perfeitamente explicado por Brum (2006, p. 193):

Tudo o que somos de melhor é resultado do espanto. Como prescindir da possibilidade de se espantar? O melhor de ir para a rua espiar o mundo é que não sabemos o que vamos encontrar. Essa é a graça maior de ser repórter (Essa é a graça maior de ser gente).

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Mergulhos no humano: perfis da vida real é um livro-reportagem que retrata o cotidiano de onze personagens reais que um dia sonharam com um futuro diferente. Sonhos e anseios de outrora surgem a cada lembrança e, para o repórter/autor, foi fundamental valorizar a sensibilidade e a plena observação para assim, mergulhar no universo de cada um. É justamente através desta experiência, que surgiu o título do livro. Nesse momento, o repórter não pode ter um olhar programado, e sim um olhar aberto ao novo, ao desconhecido que está presente ali o tempo todo, pedindo ou não para ser desvendado. Para Brum (2006, p. 188), esse fenômeno ocorre “porque nada é mais transformador do que nos percebermos extraordinários – e não ordinários como toda a miopia do mundo nos leva a crer”.

Com 138 páginas, no formato clássico 14 x 21 cm, com miolo impresso em papel offset 90g/m² e capa em papel couchê fosco 115g/m², o livro-reportagem *Mergulhos no humano: perfis da vida real* é dividido em duas partes. A Parte I – Mergulhos – traz os perfis e as fotografias em preto e branco de cada personagem. Ao final de cada texto, o “Relato do repórter” descreve os bastidores da entrevista, as vivências do repórter. A Parte II – Diário de bordo – apresenta um *making-off* das entrevistas, com fotografias em preto e branco, legendadas. O livro apresenta ainda elementos de edição como folha de rosto, ficha técnica, ficha catalográfica, sumário, apresentação⁹, divisão entre perfis, agradecimentos, orelha da contracapa trazendo informações sobre o autor e contracapa trazendo o trecho de um dos perfis e síntese da obra. A fim de proporcionar conforto à leitura, foram utilizadas as fontes tipográficas Adobe Garamond Pro e ITC Franklin Gothic Std. A tonalidade da cor azul, presente na capa, remete à mensagem do mergulho na vida dos personagens.

O conteúdo de *Mergulhos no humano: perfis da vida real* é matéria humana, relatos de desafios e conquistas. O contexto histórico-social e o ambiente integram essas realidades. Ao observar, ouvir e descrever as personagens em detalhes, o repórter lhes oferece vez e voz, mostrando à sociedade a figura de seres humanos que têm algo de

⁹ A apresentação do livro foi feita pelo próprio autor.

interessante para contar. Deste modo, seu público-alvo é amplo, em razão da temática abordada revelar comportamentos e contextos sociais variados.

Os onze personagens que compõem o projeto experimental foram encontrados nas cidades potiguares de Natal, Parnamirim, Currais Novos e Acari, sendo escolhidos mediante prévia observação dos hábitos e perfilados em seus locais de convívio¹⁰. Dos onze relatos, seis foram colhidos na capital, Natal, um em Parnamirim, município da Grande Natal, e quatro na região Seridó, sendo três em Currais Novos e um em Acari, cidades distantes 180 e 220 quilômetros da capital, respectivamente. A escolha do autor por personagens destas quatro cidades partiu da observação da vivência dos potiguares em regiões distintas do estado do Rio Grande do Norte, tendo como fator de análise, as questões econômicas, históricas e socioculturais nelas existentes.

O perfil *O florescer humano* apresenta a história da parteira Marcina Galdino dos Santos, que perdeu a conta de quantas crianças ajudou a trazer ao mundo em 39 anos de profissão; em *A arte de Assis*, é contada a história do artista plástico Francisco de Assis Batista da Costa que, através da arte revela a beleza da sua terra; o perfil *A caixa mágica* conta a história de Jairo Barbosa, ou simplesmente, Jair do Doce, um vendedor de doces que acoplou instrumentos musicais em sua caixa térmica; *O caminho da bola* revela os bastidores da vida de José Gomes de Medeiros, ou Dedé de Dora, craque do futebol potiguar na década de 1990 e, que hoje é gerente de farmácia; *O doce sabor da vitória* conta a vida de Maria Cleonice de Brito, uma senhora que conseguiu sustentar uma família inteira vendendo frutas na rua; o perfil *Eis-me aqui!* revela as descobertas de Jean Luiz da Cruz Diniz, um jovem que largou a Biomedicina para ser padre; em *O Pescador de sonhos*, a vida do pescador Francisco Januário da Silva é revelada em seus altos e baixos; o perfil *Os olhos do coração* conta a história de Bruno Lima de Brito, um jovem professor com deficiência visual que descobre o mundo de uma maneira diferente; *Vitória pela vida* revela o desejo de servir de Selo José Rodrigues Melo, um jovem médico residente; *Na poeira do caminho* revela o cotidiano de uma vida sem pressa, onde o experiente vaqueiro José Tomaz de Araújo Sobrinho fincou suas raízes; e em *Palavras em chamadas* é revelado o perfil de Maria Carmelita de Macêdo, uma mãe que enfrentou grandes dificuldades para que nada faltasse aos filhos.

Partindo da questão defendida pela jornalista Eliane Brum de que pessoas comuns também possuem histórias extraordinárias, foram adotados como exemplo os métodos por

¹⁰ O uso das entrevistas que serviram de matéria-prima para os perfis, bem como das fotografias publicados no livro-reportagem, foram autorizadas por escrito pelos próprios personagens.

ela utilizados quando expõe em suas reportagens que trabalhar com o olhar significa não ter medo de compreender a realidade dos personagens que se encontra pelo caminho. Para a autora, “um ser humano, qualquer um, é infinitamente mais complexo e fascinante do que o mais celebrado herói” (BRUM, 2006, p. 195). Ela aponta que a observação é para o repórter, antes de tudo, uma escolha inteligente: “Esse olhar que olha para ver, que se recusa a ser enganado pela banalidade e que desconfia do óbvio é o primeiro instrumento de trabalho do repórter. Só pode ser exercido sem a mediação de máquinas” (BRUM, 2006, p. 190). Como diz Ricardo Noblat (2008, p. 70), “tudo deve ser observado. E o relevante, publicado”. Estar ali, de fato, de corpo, alma e coração, faz toda a diferença. É desafiador, humano e verdadeiro. Presenciar a realidade, ouvir relatos de superação faz com que o repórter ponha os pés no chão e valorize mais a vida.

O dito é, muitas vezes, tão importante quanto o não dito, o que o entrevistado deixa de dizer, o que omite. É preciso calar para ser capaz de escutar o silêncio. Olhar significa sentir o cheiro, tocar as diferentes texturas, perceber os gestos, as hesitações, os detalhes, aprender as outras expressões do que somos. Metade (talvez menos) de uma reportagem é o dito, a outra metade o percebido. Olhar é um ato de silêncio (BRUM, 2006, p. 191).

Ricardo Kotscho atenta para um detalhe importante para o bom desenvolvimento da reportagem:

Preparar perguntas e levantar os pontos polêmicos que serão tratados na matéria é o início do trabalho. Mas o repórter deve estar sempre livre de qualquer preconceito, qualquer ideia pré-fixada pela pauta ou por ele mesmo. É a sua sensibilidade que vai determinar o enfoque da matéria (KOTSCHO, 2005, p. 42).

Deixar a pauta um pouco de lado proporcionou a expansão do olhar jornalístico ao foco da reportagem, neste caso, o personagem. Lima (2009, p. 114) acentua que o resultado dessa ação é,

por parte do entrevistador e do público que lê seu trabalho, a descoberta compreensiva do universo, por vezes misterioso, às vezes exuberante, nem sempre comum, de um ser humano, sempre um espelho das possibilidades disponíveis a toda a espécie.

Colocando novamente a responsabilidade do olhar jornalístico em evidência, Brum (2006, p. 188) diz que “quem consegue olhar para a própria vida com generosidade torna-se capaz de alcançar a vida do outro. Olhar é um exercício cotidiano de resistência”.

Para a construção dos textos de *Mergulhos no humano: perfis da vida real*, foi necessário um apurado conhecimento de mundo e dedicação à escrita, através do uso de paráfrases, metáforas e citações curtas dos perfilados. Contar a história da forma mais fiel possível é uma das missões da reportagem, como aprofunda Brum: “Eu acredito na reportagem como documento da história contemporânea, como vida contada, como testemunho. [...] Mas também com a certeza de que a realidade é complexa e composta não apenas de palavras” (BRUM, 2008, p. 14).

Por fim, o repórter aprende muito com este tipo de reportagem porque ajuda a entender o mundo, o contexto social, a vida.

6 CONSIDERAÇÕES

Sendo assim, o presente trabalho traz à tona personagens que não são costumeiramente retratados pela mídia, apesar de serem facilmente encontrados na sociedade em que vivemos. Os onze textos apresentados no livro-reportagem desenvolvido como Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo não se tratam de notícias, mas de perfis, onde os relatos são mais circunstanciados. O livro-reportagem *Mergulhos no humano: perfis da vida real* é fruto da percepção do ser humano enquanto autor de sua própria história, composta de reações aos acontecimentos, de lembranças, do retorno ao passado etc. O ato de pesquisar vidas nunca antes conhecidas transportou o autor para um mundo esquecido por nós mesmos. Um mundo onde o simples pode ser extraordinário, onde o cotidiano pode ser algo espetacular. Um mundo povoado, como apontou a jornalista Eliane Brum, de pessoas comuns com vidas muitas vezes mais interessantes do que a de qualquer celebridade ou herói.

Enfim, o livro-reportagem *Mergulhos no humano: perfis da vida real* assume a forma de um assunto explorado em profundidade que, rompendo com todos os organogramas do Jornalismo, proporcionou ao repórter mergulhar num universo de descobertas, entregando-se com amor e paixão a seu ofício.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

_____. **O olho da rua**: uma repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: Globo, 2008.

FARO, J. S. Realidade e o novo jornalismo. **Vanguarda do pensamento comunicacional brasileiro**. São Paulo: Intercom, 2007. (Coleção Verde-Amarela, v. I).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. Barueri-SP: Manole, 2009.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: o diálogo possível. 5. ed. São Paulo: Ática, 2008.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2008.

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis**: e como escrevê-los. 2. ed. São Paulo: Summus, 2003.